

Femicídio Negro: Quando o País da Miscigenação Torna-se o Cemitério da Cor¹

Elisa Lemos Sabino²

Greice Schneider³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Trabalhando com o tema “Femicídio Negro: Quando o País da Miscigenação Torna-se o Cemitério da Cor”, a imagem escolhida foi fruto de um ensaio fotográfico produzido com o intuito de expor a questão do feminicídio negro no país. A fotografia em questão é composta por duas modelos de forma a retratar a essência de cada uma, a descoberta delas enquanto mulheres negras e o poder que elas têm sobre seus corpos. Essa descoberta é exposta na fotografia através da captação de seus corpos nus. O fato de elas estarem sem roupa é algo que deveria deixá-las mais vulneráveis, mas que na verdade as tornam mais empoderadas. Aqui, a descoberta de si é o que faz as mulheres se sentirem menos submissas ao sexo oposto e ocuparem seus espaços. Então, é desse modo que o feminicídio é retratado, através da descoberta.

PALAVRAS-CHAVE: feminicídio; mulher negra; Brasil; empoderamento.

1 INTRODUÇÃO

O ensaio foi produzido após um estudo de dados em relação à violência sofrida pelas mulheres negras e em cima de observações a cerca do espaço ocupado por essas mesmas mulheres em solo brasileiro.

Na época do Brasil colonial, muitas mulheres negras fizeram parte da história de maneira ativa, mas seus nomes quase não são estudados. A Princesa Aqualtune, por exemplo, ocupava um trono no Congo e, após ser vencida de guerra, foi trazida para o Brasil como escrava reprodutora. Responsável por organizar uma das maiores fugas para o Quilombo dos Palmares, ela deu luz a Ganga Zumba que, posteriormente, foi pai de Zumbi dos Palmares. Já Dandara dos Palmares, mulher de Zumbi, lutou armada pela libertação negra ao lado do marido e liderou homens e mulheres, enquanto Tereza de Benguela foi líder do Quilombo de Quariterê no Mato Grosso.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Fotografia Artística (avulso).

² Aluna líder e estudante do 4º Semestre do Curso Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, email: eliisalemos@hotmail.com

³ Professora orientadora responsável pela disciplina Fotojornalismo, email: greices@gmail.com

A não visualização dessas mulheres como exemplo social já é uma forma de violência que acaba de certa forma, resultando na vulnerabilidade da mulher negra num país com grande índice de miscigenação. Hoje em dia, dados estatísticos dispostos no site do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada) e no site da OMS (Organização Mundial de Saúde), mostram que o abuso contra a mulher tem aumentado, principalmente em relação à mulher negra. O site do Ipea, por exemplo, disponibiliza uma pesquisa feita entre 2011 e 2013 onde:

estima-se que ocorreram 17.581 óbitos de mulheres por agressões, o que corresponde a uma taxa corrigida de mortalidade anual de 5,87 óbitos por 100 mil mulheres. No triênio ocorreram, em média, 5.860 mortes de mulheres por causas violentas a cada ano, 488 a cada mês, 16,06 a cada dia, ou uma a cada hora e trinta minutos. O estudo confirmou que a mortalidade de mulheres por agressões é elevada no Brasil e atinge mulheres de todas as faixas etárias, etnias e níveis de escolaridade. As principais vítimas foram mulheres adolescentes e jovens (45% na faixa etária de 10 a 29 anos), negras (64%) e residentes nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte. O perfil dos óbitos, com elevada ocorrência nos domicílios (28,1%) e em finais de semana (35,7%), sugere relação com situações de violência doméstica e familiar contra a mulher. (http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27250&catid=390&Itemid=406 acessado 29 de maio de 2016 às 09h49min)

Fazendo uma ligação desses dados com o início da colonização do país e a atualidade, podemos citar a vulnerabilidade dos negros em relação aos brancos portugueses e da população negra feminina em relação aos homens com quem mantêm relações conjugais, por exemplo.

Tentando trazer isso para o ensaio fotográfico, as imagens foram produzidas de forma a despertar o poder dentro da vulnerabilidade existente na população negra, evidenciando a beleza afro que elas carregam e a felicidade da aceitação e libertação (mais uma vez relacionando a descoberta).

2 OBJETIVO

A intenção dessa imagem selecionada é trazer para quem visualiza as belezas que existem nos corpos, a descoberta delas em relação às raízes, a ideia de libertação e a questão da vulnerabilidade, em contato com o fato da não utilização de roupas, ser algo nulo. A imagem foi escolhida por consegui abrigar todos esses pontos citados e, principalmente, por carregar a ideia central do tema que é relacionar o feminicídio à descoberta delas enquanto mulheres e negras.

3 JUSTIFICATIVA

A fotografia também foi pensada para tentar provocar algum tipo de pensamento em relação ao tema em quem a visualizasse e, conseqüentemente, uma mudança. Na medida em que os temas vão sendo discutidos, os dados vão ficando mais palpáveis e as pessoas vão tomando consciência de que aquilo existe. A união desses pontos resulta em um possível surgimento de medidas de intervenção em relação ao problema em questão.

Essa desconstrução e naturalização da discussão resultariam em uma provável queda do preconceito racial, do número de mortes das mulheres, do abuso que elas sofrem diariamente em diferentes âmbitos e, para elas, um aumento da possibilidade de descoberta em relação a quem são.

A imagem foi produzida seguindo essa tentativa de desconstrução. Desconstrução da ideia de vulnerabilidade em um corpo nu e desconstrução da ideia de beleza só existir em corpos que seguem o físico padrão de beleza estabelecido socialmente. Além disso, a exaltação da afro descendência que elas carregam fisicamente retrata o contexto histórico existente por trás do tema em questão. O que também não deixa de ser um meio de empoderar as mulheres e fazer com que elas enxerguem todas essas suas singularidades como belezas reais, ainda que “fora de padrões”.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A foto foi produzida seguindo o modelo de retrato, com o uso de uma câmera profissional da marca Nikon – modelo D90 – e com uma lente 50 milímetros.

A seleção das modelos se deu após a escolha do tema e o fato das pessoas retratadas se considerarem/declararem mulheres negras também fez parte do processo de escolha. Era de extrema importância trazer a veracidade da questão, ainda que tenha sido uma imagem produzida de forma montada.

A foto (anexo 1) foi feita na Universidade Federal de Sergipe, campus São Cristóvão, num ambiente de obras paralisadas e no turno da manhã. Toda a iluminação utilizada foi natural e a maior incidência de luz foi frontal.

A fotografia foi editada com o uso do software *Adobe Lightroom 5.7.1* e trabalhada em preto e branco para realçar a luz no corpo negro das modelos, para não haver possíveis distrações da ideia central por conta das outras cores da imagem, por ter dado mais

destaques ao tom de pele de cada uma e ter destacado as curvas, olhares, lábios e feições – realce das sensações.

A ideia para a produção dessa foto foi fazer com que elas, as modelos, se sentissem à vontade, já que estavam em um ambiente público e com movimento constante. Então conversamos muito sobre coisas diversas (gerando uma tranquilidade e espontaneidade) até obter o resultado final. As poses não foram pré-planejadas. As meninas tiveram total liberdade para posar como se sentissem a vontade, inclusive nas fotos sem roupa.

Houve uma preocupação frequente no que diz respeito à naturalidade das modelos na imagem. Como dito, já que foi uma fotografia montada, fazer com que elas ficassem a vontade foi importante para manter a essência de cada uma na captação.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para alcançar o resultado final, foi preciso a construção de um processo intenso de pesquisas sobre:

- retratos: fotografias que mostram rostos ou partes específicas que queiram ser destacadas;
- controle de iluminação natural: a foto foi produzida no horário da manhã onde a luz é mais suave se comparada ao sol do meio-dia, o que possibilitou a utilização de um ISO na faixa dos 200. Esse recurso diminui o risco de uma foto com resultado granuloso e trouxe naturalidade para a imagem, pois a luz não ficou com aparência dura;
- edição de imagem: o software utilizado na edição foi o *Adobe Lightroom 5.7.1* e nele o tratamento da foto foi feito de modo a não perder a naturalidade, por isso, só foi editada a cor da imagem (para preto e branco), a exposição e o contraste para melhor visualização de certos pontos que mereciam destaque na fotografia;
- fotografias em preto e branco: a escolha de uma foto em P&B veio de uma observação e leitura em relação à ação desse recurso nas fotos. As imagens, quando em preto e branco, evidenciam a essência da foto de maneira mais intensa e ágil. Além disso, reduzem a possível distração do conteúdo central por conta das outras cores presentes e chama a atenção por serem diferentes do cotidiano - as pessoas não conseguem enxergar em preto e branco – isso possibilita um maior destaque.

Fora a parte técnica, também foi feita uma pesquisa detalhada sobre a participação da mulher negra na história do Brasil, foram colhidos relatos de mulheres que já sofreram algum tipo de abuso, relatos de negros que já sofreram algum tipo de violência, pesquisa de

dados relacionados ao Femicídio e a violência doméstica e dados gerais sobre a população brasileira.

6 CONSIDERAÇÕES

A mulher está inserida no contexto histórico mundial como um ser abaixo dos homens em diversos pontos. Essa diminuição social resultou em diferentes modos de diminuição dessas pessoas do sexo feminino e, posteriormente, os tipos de assédio em relação a elas foram sofrendo mutações e alcançando diferentes níveis.

Na época da escravidão os abusos que elas sofriam, justificados pelo nível social em que se encontravam e pelo seu tom de pele, sofreram modificações e hoje, muitas vezes, acontecem dentro de casa pelos seus parceiros. Mesmo estando no mesmo nível social e independentemente do tom de pele.

O fato do feminicídio negro Brasil ser mais intenso do que em relação as mulheres com o tom de pele mais claro, é reflexo desse contexto histórico do período colonial no país. A escravidão negra provocou uma hierarquia entre brancos e negros e deu espaço para racismo/preconceito na mente da população que, com o passar do tempo, foi ganhando cada vez mais força. Essa ideia de poder medido em cima da melanina que compõe o organismo alheio é falha e as mulheres negras têm sofrido com isso só por serem mulheres de cor.

A ideia é que as pessoas possam visualizar essa fotografia de maneira sensível para captar a ideia de conscientização com a qual ela foi proposta. É uma exposição da valorização, da aceitação, da superação, da afirmação e da descoberta. É um grito da realidade pra realidade e quem sabe assim seja possível produzir o mínimo de movimento para caminhar para uma solução real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS, JOEL. **Fotografia:** luz, exposição, composição, equipamentos e dicas para fotografar em Portugal. Portugal, Ed. Centro Atlântico, 2010.

FELIPPE, Ana Maria. **Feminismo Negro:** Mulheres Negras e Poder, um enfoque contra hegemônico sobre gênero. Rio de Janeiro, v. 22, nº 2, p 15-28, julho/dezembro 2009.

CALDWELL, Kia Lilly. **A institucionalização de estudos sobre a mulher negra:** Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. Revista da Associação Brasileira dos Pesquisadores (as) Negros. V. 1, n1- março-junho, 2010, p.18-27.

Revista s/n° (Sem Número). Edição Vontades, 2003.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA.

Organização Mundial de Saúde – OMS.

Fotógrafo Nana Kofi Acquah - captura imagens, basicamente, de pessoas negras e em um de seus ensaios visitou partes da África para retratar o cotidiano das mulheres, suas conquistas e vulnerabilidades.

Fotógrafo Gabriel Wickbold – fotógrafo que fundou o projeto “Antes Nua do que Sua” onde produz nudes com mulheres de todo o Brasil para reforçar a ideia da mulher dona do próprio corpo.